



ENSAIO

EM UM ENCONTRO CASUAL, AS NUANCES DA OBRA DE MIRIAM LOELLMANN

ZUZANA PATERNOSTRO
ABCA/RIO DE JANEIRO

RESUMO: O texto descreve o encontro de uma experiente historiadora da arte com uma jovem artista, ligada à arte contemporânea, ambas da Europa Central, residentes no Rio de Janeiro. Miriam Loellmann, nascida em 1985 em uma família de artistas na Alemanha, tem feito diversas viagens que influenciam seu trabalho artístico, sendo as mais marcantes o Japão e o Brasil. Ela se formou na Berlin-Weißensee Art Academy, influenciada por Masayo Awe e, mais tarde, pela Op-Art de Victor Vasarely. Este último estilo originou sua mais recente fase criativa de ilusões de ótica em diversos materiais como metal, couro, madeira, concreto, cobre queimado, intitulado *Illusion and Isness* e revelado pela simplicidade e originalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Miriam Loellmann; Arte Contemporânea; Op Art; Victor Vasarely; ilusões ópticas; Bauhaus; Masayo Awe; Arte Geométrica.

ABSTRACT: The text describes the encounter of a well experienced art historian with a young artist, aligned with contemporary art, both from Central Europe, living in Rio de Janeiro. Miriam Loellmann, born in 1985 in a family of artists in Germany, has made several trips that influence her artistic work, the most remarkable ones to Japan and Brazil. She graduated from Berlin-Weißensee Art Academy, influenced by Masayo Awe and later by Victor Vasarely's Op-Art. This last style originated her most recent creative phase of optical illusions in various materials like metal, leather, wood, concrete, burnt copper, titled *Illusion and Isness* and revealed by simplicity and originality.

KEYWORDS: Miriam Loellmann; Contemporary Art; Op Art; Victor Vasarely; optical illusions; Bauhaus; Masayo Awe; Geometric Art.



Artista no ateliê, 2023. Copacabana, Rio de Janeiro. Foto: Allan Benigno.

Quem pensa que entende de arte contemporânea não sabe de nada...

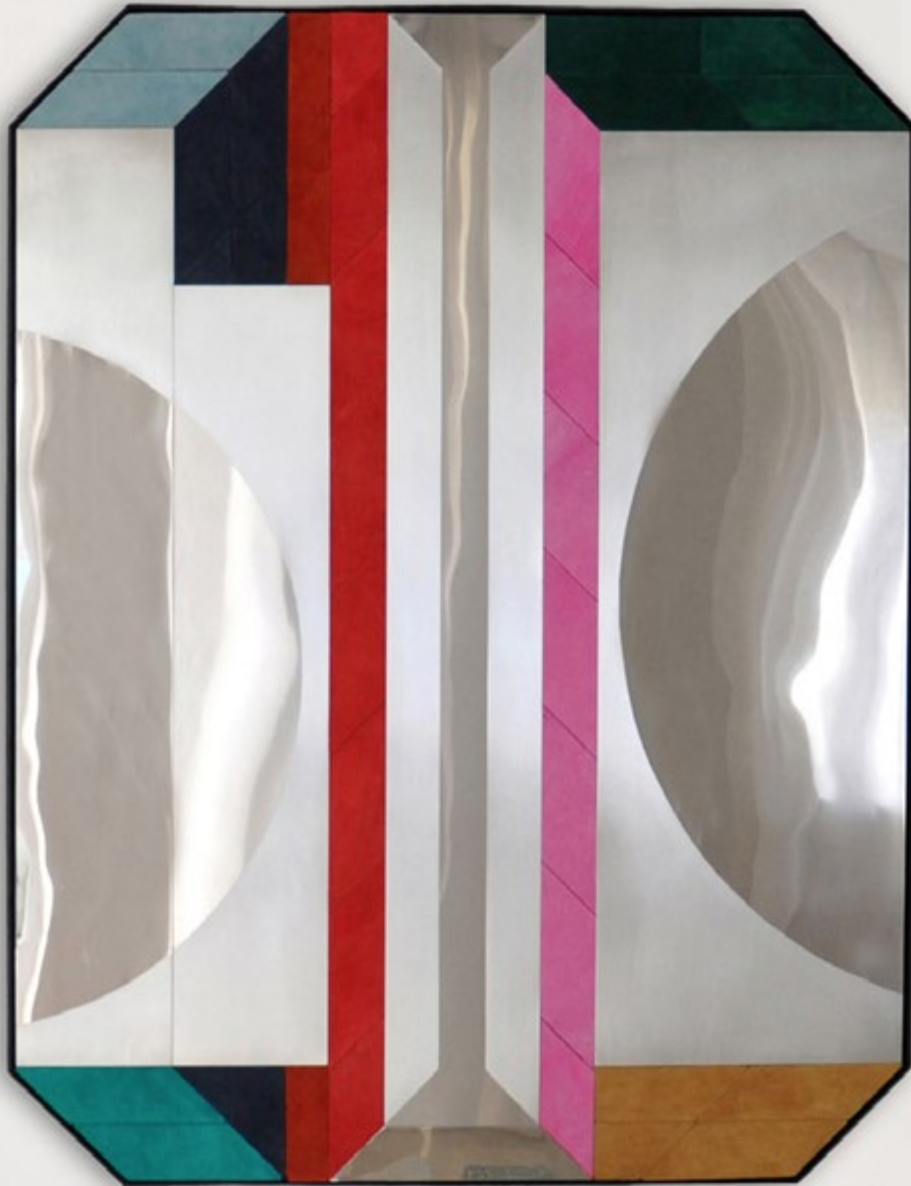
Recentemente, fui desafiada a repensar algumas decisões minhas que já considerava como definitivas, por exemplo: abster-me de trabalhar no âmbito da arte contemporânea. Logo eu, uma historiadora pós-graduada, considerando tudo bastante natural ao enxergar o campo de interpretações possíveis como sendo suficientemente amplo neste terreno da história propriamente dita.

Outra decisão - devido à minha origem e formação europeias - foi a de não me envolver em questões da arte brasileira já que, ao meu redor, contava com profissionais muito mais aquinhoados para esta tarefa, sobrando para mim o trabalho de me ocupar com artefatos da arte estrangeira presentes aqui no Brasil.

Contudo, houve uma exceção: apreciei há pouco tempo a trajetória artística, lamentavelmente curta, de uma brasileira especialmente talentosa - Esther Moreira (1958-2015.). Esta minha admiração me levou até a publicar observações sobre a



Form und formlos, 2019. Aço inox, couro, gesso. 105x81 cm. Coleção particular. Rio de Janeiro. Foto: Miriam Loellmann.



obra dela nas páginas da ABCA. Senti que foi uma oportunidade excepcional, além de bela ocasião para apreciar a evolução e o ápice desta pintora prematuramente falecida.

Agora, vejo-me diante da arte de uma conterrânea europeia. Até aí, tudo bem, no entanto seria mais simples se ela fosse uma figura pouco notável de “outros tempos”, perdida naquele universo artístico imenso...

A recuperação de uma trajetória artística relevante faz parte do trabalho do historiador. Com evidências sobre o valor estético despercebidas até então, trata-se de uma revelação técnica o parecer de um especialista. Nesse caso, porém, era um assunto atual, pois não se tratava de uma obra já definida e concluída. Enfim, algo do passado. Assim, para mim constituiu um envolvimento mais direto, e absolutamente desafiador.

Rêve de la forme, 2020. Aço inox, couro, gesso. 108x69 cm. Coleção particular. Alemanha. Foto: Miriam Loellmann.

TRATA-SE DE UMA ARTISTA JOVEM, ALINHADA COM A ARTE CONTEMPORÂNEA, UM TERRENO ONDE EU NÃO COSTUMAVA PISAR. AO MENOS NÃO PRETENDIA FAZÊ-LO, SABENDO MUITO BEM DAS MINHAS ESCOLHAS E CONDICIONAMENTOS PESSOAIS.

Porém, era demais para ser apenas coincidência. Acredito que isso até possa se tratar de uma conspiração, para que eu seja desautorizada nas minhas decisões, forçando-me a adentrar áreas desconhecidas. Considero, portanto, que tenha sido proposital e desafiador aquele esbarrão - por sinal, interessantíssimo - com uma jovem artista alemã chamada Miriam Loellmann.

Este encontro ocorreu numa loja, hoje bem rara, de revelações fotográficas em plena Copacabana. Eu estava lá junto com algumas pessoas, mas não pude evitar prestar atenção numa delas, uma jovem, que falava de assuntos bem diferentes dos outros. A jovem mais perto de mim revirava nas mãos uma cartela grossa de pequenas fotos de diversos objetos coloridos e não observei nenhuma imagem tomada de rostos, figuras, pessoas ou ambientes em particular.

Esse tipo de loja costuma ficar totalmente ocupada apenas revelando cenas do cotidiano dos habitantes dessa megametrópole, a fim de fixar algo familiar aos entes queridos, mesmo sem saber onde e por quanto tempo. Tudo muito efêmero, apesar dos bons propósitos.

No entanto, as fotos que surgiram no meio desses assuntos familiares todos, não pertenciam a esta categoria. Eram objetos produzidos pela jovem alemã, que revirava seus registros fotográficos conferindo a qualidade e a exatidão da revelação. Como é que fui me demorar naquela loja tanto tempo - eu, sempre apressada! - a ponto de poder reparar naquelas fotos, assim de repente, e admirar as imagens que observei?

Era mais que curiosidade, era pura atração. Os objetos, as profundidades construídas em planos tridimensionais e todos os volumes projetados maliciosamente. Percebi que fui fisgada num terreno da arte que não é o meu habitual. Mas encontrei uma explicação: o foco eram objetos de materiais simples, dentre eles

madeira, couro, latão e outros construídos na tela com precisão e uma incrível representação extremamente fidedigna.

RECURSOS ILUSIONISTAS SENDO EXTRAÍDOS DE CADA ELEMENTO - SEJA BRILHO, DUREZA, MACIEZ OU LUMINOSIDADE, SE TORNAVAM ÓBVIOS AO MÁXIMO. AO MESMO TEMPO, REVELAVAM IMENSA RIQUEZA DE NUANCES E MULTIPLICIDADES CONTIDAS EM CADA UM DAQUELES MATERIAIS SIMPLES.

O mais importante de tudo era a reprodução do material e a paleta de suas qualidades. Essa atração pela matéria, revelada por simplicidade e originalidade, para mim era muito familiar. O respeito, o trato, a apresentação das qualidades de cada uma delas era o que mais me aproximava e convencia. Assim foi que, em questão de poucos dias, lá estava eu no ateliê da artista, situado no mesmo bairro da fatídica loja de fotos.

Miriam Loellmann nasceu em 1985 numa família de artistas, no sul da Alemanha. Iniciou seu aprendizado em uma das cidades de alto padrão industrial -

Stuttgart – frequentando, no entanto, escolas de caráter artístico. Nesta ocasião, ainda acompanhou seu pai ceramista em duas viagens ao Japão.

Desde muito jovem se habituou a viajar, a conhecer países e culturas diferentes. Tanto é que, em 2003, visitou a Bahia. Impressionada, demorou alguns meses nesse contato com o Brasil, que não significou apenas um passeio turístico.

Nos anos seguintes, visitou Portugal e permaneceu em Lisboa quase um ano dedicada à pintura. Lá, os meios de expressão eram técnicas tradicionais, desde aquarela até acrílico. Após conhecer, por alto, algo do exterior, retornou a Stuttgart.

Continuou em cursos particulares de arte ministrados por artistas como Heidi Foerster (1932-), pintora que foca em plantas e flores utilizando muito a pintura em vidro reverso, e Detlef Freudig (1938-), fotógrafo e gravador especializado numa única técnica: ponta seca. Miriam, sem ficar rendida às influências dos mestres, aprende com ambos os respectivos procedimentos, enriquecendo, antes

de mais nada, o seu próprio repertório técnico.

Seus próximos passos foram em direção ao estudo formal da Arte de caráter acadêmico. Iniciou estudos, em 2008, numa Academia de Arte em Berlim. Ao longo de cinco anos, frequentou a conceituada KHB Weißensee (*Weißensee Kunsthochschule Berlin*), onde concluiu os cursos de Design Têxtil e de Superfície, com bacharelado concluído em 2013.

Nesse período, experimenta ao máximo as técnicas que aprendeu e ainda aprende outras novas, que potencializam a linguagem artística extraída de materiais que conhece bem e daqueles que ainda descobre.

Explora todos os caminhos possíveis no âmbito do design gráfico, tanto com professoras jovens como Zane Berzina (1971-), nascida na Letônia, quanto com a japonesa Masayo Awe (1962-), uma artista da dita vanguarda.

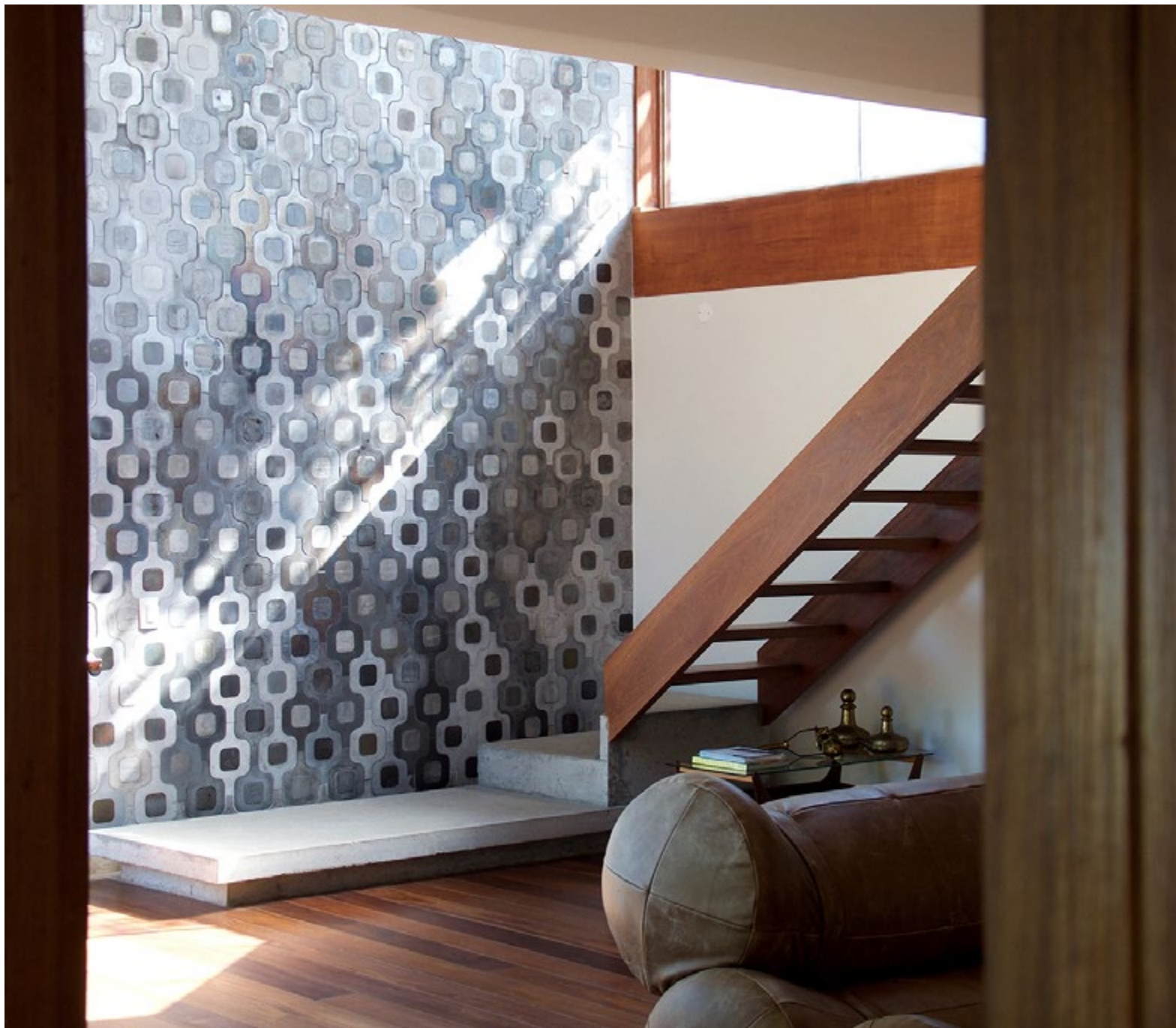
São lições que despertam sensações e aguçam sentidos, na tentativa de apropriação das infinitas possibilidades dos materiais, dos mais tenros e suaves aos mais sólidos e

resistentes. Miriam absorve caminhos inovadores neste campo da evolução do design contemporâneo, na teoria e na prática, já que experimentação e produção propriamente ditas não soam nada estranhas a ela.

Esta sua permanência no curso, em Berlim, possibilitará a oportunidade de acessar o apoio internacional *Erasmus* - bolsa de estudo de intercâmbio - para aprender algo mais na Escola de Belas Artes, em Lisboa. Ali, seu interesse se volta para outros novos materiais e fica conhecendo as técnicas próprias ao têxtil e as da azulejaria, esta última em local bem adequado e mais que certo.

AINDA DURANTE ESSES SEUS ESTUDOS EM PORTUGAL FOI QUE EMPREENDEU - TALVEZ INCITADA PELA PROXIMIDADE MÚLTIPLA E ÓBVIA - SUA SEGUNDA VISITA AO BRASIL OBSERVANDO, DESTA VEZ, AINDA MAIS FORMAS, TRAÇOS E CORES TÃO SINGULARES E TÃO DISTINTAS DAS QUE LHE ERAM HABITUAIS.

Em 2013, executa seu trabalho de conclusão da Academia, sem dúvida inspirado naquelas duas viagens



Painel Ipanema, 2014-2015. Concreto, aço, instalação permanente. 15m². Hotel Chez Georges, Rio de Janeiro.
Foto: Allan Benigno



Copacabana Floor, 2012-2013. Madeira, cimento, couro, metal, cerâmica. 10m². Projeto em Berlim, instalação permanente, Holanda, 2014. Foto: Miriam Loellmann

marcantes ao Brasil. Impressionada com aquele frenesi onipresente da pulsação da Natureza, que permaneceu retido em tantas lembranças, que acabou traduzido numa obra chamada *Copacabana Floor*.

Um assoalho de 10 metros quadrados evocando uma ocupação em ritmo dançante foi construído, segundo projeto da artista, com materiais os mais resistentes, tais como madeira de pinho, concreto e aço, suavizados apenas com a introdução de couro - pois resultou em azulejos que aglomeram os elementos citados num conjunto de notável apelo. A decorrência imediata foi a concretização de seu trabalho escolar mediante



Golden Butterfly, 2018. Latão, couro, gesso. 99x99 cm. Foto: Miriam Loellmann

uma encomenda remunerada que, desde então, se encontra numa residência particular na cidade holandesa de Maastricht.

No rastro dessas influências por parte da dura realidade dos materiais inflexíveis – pouco inclinados a ceder ou mesmo abdicar de suas características naturais e genuínas – Miriam Loellmann consegue abraçar os princípios da Cultura e da Arte japonesa: a presença de sentimentos sempre materializada por meio de formas análogas, com os elementos que mais correspondem à sua fiel tradução, mais uma vez em respeito aos materiais já utilizados na execução da obra.

E assim, de algum modo pressentida em seu trabalho final da *Kunsthochschule* berlinense, concepção dedicada ao chão de Copacabana, tanto a memória quanto a atração dos trópicos brasileiros resultaram em sua decisão de vir morar no Brasil.

Em 2014, desembarca sozinha no Rio de Janeiro e, na companhia de mais duas artistas argentinas, juntas vão morar em Santa Teresa, um dos bairros preferidos por esse grupinho de três

aventureiras.

Demonstrando sua criatividade e capacidade laboral, Loellmann não demora a ser reconhecida e logo recebe outra encomenda: um painel decorativo projetado para o Hotel Boutique *Chez Georges* – trata-se de um painel de grandes proporções, medindo 15 metros quadrados consistindo de uma série de elementos interligados e amiúde produzidos pela artista com concreto e aço queimado. Este painel divisório possui uma cadência em função do projeto, um ritmo de elementos delicados em seu conjunto evocando, segundo sua própria autora, uma vibração agradável batizada por ela mesma *Painel Ipanema*.

Em seguida, conecta-se ao ambiente e participa da feira de design IDA, em 2017, no aprazível espaço da Marina da Glória, no Rio de Janeiro, com a *Art-Rio*. Mais adiante, convidada pela firma Fasanello, introduz uma inovação: uso de areia aliada com fibra de vidro na confecção de cadeiras e poltronas de Ricardo Fasanello, obviamente resultando em unidades diferenciadas por sua contribuição. Esta sua

inovação técnica foi apresentada numa exposição em Miami (EUA).

Loellmann ainda experimenta mais outra exposição nacional e, desta vez, comparece à feira do Mercado Arte e Design (MADE), em São Paulo, de onde retorna ao Rio para fixar seu ateliê no bairro Copacabana.

Levei algum tempo para entender por que eu, na realidade, afinal parei diante das obras desta jovem artista. Convenhamos que, lembrando minhas argumentações de início, não estava em nada atrelada à arte contemporânea. Como observei antes, fui parar lá pela *Art Nouveau* (Arte Nova) ou, talvez, ainda pela *Art Deco* (Arte Decorativa), ambas surgidas na passagem do século retrasado para o passado, final do XIX e início do XX. Apesar de que minha fixação em terreno seguro foi sempre pelo movimento *Art & Craft*, que acentua o valor da capacidade técnica e da correta apropriação dos materiais em uso na composição da obra. Esta última estética mencionada valorizava o artesanato criativo que considero, senão o pai, pelo menos aparentado

com a *Bauhaus* (1919-1929). Então eu, historiadora da arte desinteressada em movimentos artísticos atuais, neste instante descobri a minha ligação com a arte da Loellmann - a *Bauhaus*.

Lá estavam as minhas origens: desde a formação em artes aplicadas na escola profissionalizante e de design em Bratislava (1958-62), bem como a formação na cátedra da História da Arte na Faculdade de Filosofia (1962-1967). Em seguida o mestrado e, pouco depois, o doutoramento com o tema *Bauhaus* e sua escola-modelo: Escola de Artesanato e Design (*Škola Umeleckých Remesiel*) em Bratislava, na ex-Tchecoslováquia.

Com a dissertação de mestrado parcialmente publicada, o tema foi estendido à tese de doutorado (1975), já que o levantamento efetuado apontou não apenas como modelo a alemã *Bauhaus* de Weimar e Dessau como, além disso, recebia professores de naipes internacionais em Bratislava, alguns após o fechamento da ‘matriz’ alemã, buscando continuar lecionando até na recém-construída e estilosa escola da Eslováquia.

Não distante da cidade de Dessau, menos ainda de Budapeste (Hungria) e apenas a um pulo de Viena (Áustria), era uma feliz constelação de locais com as ideias revolucionárias sobre novas formas de aliar a beleza com a qualidade do tratamento e a indispensável funcionalidade do design no século XX. Simples assim.

Foi por isso que parei e fiquei observando aquelas pequenas fotos nas mãos de Loellmann e, depois, os originais já no ateliê dela.

OBRAS EM TAMANHOS REAIS, ALGUNS ATÉ AVANTAJADOS, PORÉM TODOS CHAMATIVOS, RADIANTES, COM DIVERSOS DETALHES. EU IA DESVENDANDO A SUA TÉCNICA E PROCESSO DA DEGLUTIÇÃO AUTORA, REVIVENDO EM COMPOSIÇÕES IMPRESSIONANTES TODOS OS FORMATOS COMPETINDO ENTRE SI, CRIADOS POR MÃOS HABILIDOSAS E APARENTEMENTE DELICADAS, CONTUDO COMO RESULTADOS DA FIRMEZA E CONVICÇÃO INABALÁVEL DA AUTORA. HÁ DE DAR CERTO.

Materiais distintos integrados juntos: o metal firme, a maciez do couro, o cimento intruso unindo e aglutinando

o conjunto naquela composição única imaginada pela artista. O resultado é de uma beleza estonteante. As sensações de profundidade e a multidimensionalidade eram constantes na sua obra e, da mesma forma, perseguida pela artista, conforme ela mesma declara: “Fazer as coisas sozinha e aprender sozinha o que preciso no momento sempre foi uma característica do meu desenvolvimento e abordagem. Eu faço isso o tempo todo no meu processo criativo no meu estúdio, e acho muito fascinante o que você pode aprender e descobrir afinal e, além disso, eu gosto da sensação de independência “.

Sem possuir narrativa, significado, iconografia – como em geral sou treinada a desvendar, interpretar e sintetizar –, as obras diante de mim possuíam uma linguagem própria da qual, por sorte, aprendi o “bê-a-bá” naqueles tempos dos bancos escolares bem como nas paisagens naturais e urbanas coalhadas de monumentos históricos, palácios, galerias de arte por toda parte e, ainda, toda a sorte de museus da Europa Central.

Fiquei conhecendo mais uma influência da Miriam: trata-se de meu conterrâneo Victor Vasarely (1906-1997). Nascido pouco mais de uma geração antes de mim, na Hungria, posso discorrer sobre a história daquela efervescência cultural e a gênese dos movimentos que despontavam e constituíram uma representatividade artística genuína para aquelas gerações, tais como Vasarely e seu antecessor, o extraordinário Laszlo Moholy Nagy (1895-1946), membro do corpo docente da Bauhaus.

As unidades constitutivas desse mosaico de influências que – sem dar importância, carregava como minha herança cultural –, foi o que me levou a reparar e a contemplar o trabalho desta artista alemã.

O Vasarely que a Miriam Loellmann descobriu, em diferentes plataformas artísticas, foi ativo representante da *Op-Art* – estilo que, para sempre, permaneceu ligado ao seu nome. Ela estudou o repertório do mestre: dentre outros artistas, Vasarely foi ativo no campo das tapeçarias, projeções, fotos e filmes, e principalmente na

introdução da luz.

Esta capacidade de vislumbrar o poder da fantasia e da ilusão, criadas não apenas pela característica intrínseca do material trabalhado, enriqueceu sua capacidade artística. Liberou algo que Miriam denominaria, ao longo dos próximos anos produtivos, como trabalhos de *Illusion and Isness*.

Nesta recente fase da artista, em que ela estuda e tenta entender a ilusão presente em muitas coisas, ao mesmo tempo isto lhe aumenta a consciência e lhe traz maturidade e, simultaneamente também, cresce a reflexão desse processo em suas obras.

Inventa materiais novos e testa sua viabilidade e capacidade de resistência a diferentes provas, não apenas físicas como estéticas e passíveis de aceitação por parte de toda sorte de público. Que o tempo comprove seus experimentos!

Novamente em suas palavras, ela assim sintetiza o seu propósito e a sua intenção primordial: “Quero expressar beleza e clareza por meio do meu trabalho, levando o espectador a um

estado de admiração e presença, bem além de conceitos mentais e formas de pensamento – do pensamento ao sentimento, à presença e vitalidade.”

O que caracteriza a obra da Miriam Loellmann – creio eu – é a busca tanto artística quanto científica pelo valor sensorial oculto no material. Seus projetos inovadores e realizações de design, que conciliam tradição artesanal com tecnologia de ponta, comprovam exatamente isto. Não é, com certeza, pouca coisa. Dá para conferir!

Rio, 5 de março de 2023.

ZUZANA TREPKOVÁ PATERNOSTRO

Historiadora da Arte, possui mestrado e Doutorado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Jan Amos Komensky em Bratislava (Ex-Tcheco Eslováquia). Conservadora, Curadora-Chefe da Coleção de Pintura Estrangeira no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (1975-2011). Especialista em pintura europeia. Membro de Associações nacionais (ABCA, COREM) e Conselhos Internacionais: Curadores de Arte Flamenga e Holandesa (CODART) e ICOM.